MULHERES DA BÍBLIA

SILVIO COLIN
MARIA JOANA RODRIGUES COLIN

MULHERES DA BÍBLIA

RIO DE JANEIRO
PANDORA
2023

III

© 2023 BY SILVIO COLIN

MULHERES DA BÍBLIA
COLIN, SILVIO. E COLIN, MARIA JOANA RODRIGUES.
RIO DE JANEIRO, PANDORA. 2023.
219 PÁGINAS. COM ILUSTRAÇÕES.

CAPA – SILVIO COLIN
DESENHOS – SILVIO COLIN

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Colin, Silvio
Mulheres da Bíblia / Silvio Colin, Maria Joana Rodrigues Colin. -- Rio de Janeiro, RJ : Ed. dos Autores, 2023.

Bibliografia.
ISBN 978-65-00-82515-2

1. Bíblia 2. Contos brasileiros 3. Mulheres I. Colin, Maria Joana Rodrigues. II. Titulo.

23-175511 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

E no longo capítulo das mulheres, Senhor,
Tende piedade das mulheres.

Tende piedade da moça feia que serve na vida
De casa, comida e roupa lavada da moça bonita.
Mas tende mais piedade ainda da moça bonita
Que o homem molesta - que o homem não presta, não presta, meu Deus!

Tende piedade da mulher no primeiro coito
Onde se cria a primeira alegria da Criação
E onde se consuma a tragédia dos anjos
E onde a morte encontra a vida em desintegração.

Tende piedade da mulher no instante do parto
Onde ela é como a água explodindo em convulsão
Onde ela é como a terra vomitando cólera
Onde ela é como a lua parindo desilusão.

Tende piedade das mulheres chamadas desquitadas
Porque nelas se refaz misteriosamente a virgindade
Mas tende piedade também das mulheres casadas
Que se sacrificam e se simplificam a troco de nada.

Tende piedade, Senhor, das mulheres chamadas vagabundas
Que são desgraçadas e são exploradas e são infecundas
Mas que vendem barato muito instante de esquecimento
E em paga o homem mata com a navalha, com o fogo, com o veneno.

Tende piedade, Senhor, das primeiras namoradas
De corpo hermético e coração patético
Que saem à rua felizes mas que sempre entram desgraçadas
Que se creem vestidas mas que em verdade vivem nuas.

Tende piedade, Senhor, de todas as mulheres
Que ninguém mais merece tanto amor e amizade
Que ninguém mais deseja tanto poesia e sinceridade
Que ninguém mais precisa tanto de alegria e serenidade.

Tende infinita piedade delas, Senhor, que são puras
Que são crianças e são trágicas e são belas
Que caminham ao sopro dos ventos e que pecam
E que têm a única emoção da vida nelas.

Tende piedade delas, Senhor, que dentro delas
A vida fere mais fundo e mais fecundo
E o sexo está nelas, e o mundo está nelas
E a loucura reside nesse mundo.

DESESPERO DA PIEDADE
VINICIUS DE MORAES. 1943

DEDICATÓRIA

Da minha parte, dedico este trabalho
às duas grandes mulheres da minha vida.
Duas Marias. Joana e minha mãe.

SUMÁRIO

AO LEITOR	1
SUSANA	7
TAMARA	37
EVA	65
JUDITE	77
MADALENA	95
AGRA	113
BETE	137
REFERÊNCIAS	155

AO LEITOR

Quando eu era estudante de arquitetura, no primeiro ano, tive um professor que, depois de fazer o seu *gran tour*[1] pela Europa, escreveu um livro de memórias de viagem. Conseguiu um editor. Para dar título para sua obra pensou: "Quem vai se interessar por um livro de memórias de viagem de um arquiteto desconhecido? " Ninguém, certamente. Pesquisou e descobriu que as palavras que mais vendiam nos Estados Unidos eram "*sex*" e "*free*". Em português seria "sexo", "livre" e "grátis". O título do seu livro ficou sendo: "Sexo livre e grátis" e o subtítulo "Memórias de viagem de um arquiteto pela Europa". Acho que não deu muito certo, porque nunca ouvi falar de tal livro. E também, leve-se em consideração que, para quem quisesse ler livros, com a chancela de grande literatura, sobre sexo livre e grátis, estava bombando novas edições de "Trópico de Câncer" e "Trópico de Capricórnio", e a trilogia "Sexus", "Plexus" e "Nexus" de Henry Miller[2].

---

[1] No domínio das artes plásticas, o *Grand Tour* era uma viagem pela Grécia, Itália e outros países da Europa, com o objetivo de aprimorar os conhecimentos artísticos referentes ao legado cultural da Antiguidade Clássica, do Renascimento, e outros períodos históricos.

[2] HENRY MILLER (1891-1980) Escritor norte-americano, sinônimo de literatura erótica, acusado mesmo de pornografia. Seus trabalhos continham relatos detalhados de experiências sexuais, obscenas ou lascivas. Foi proibido em todos os países de língua inglesa e também no Brasil e somente liberado a partir dos anos 1960. Sua excelência literária foi reconhecida a partir desta época, para além da literatura erótica.

Tudo isto a propósito da ideia de escrever este livro, que o leitor tem em mãos. No meu hábito de visitar livrarias e folhear novos livros, deparei-me com um título: "As prostitutas da Bíblia"[3]. Acho que a editora foi por aí. A palavra "prostituta", se não quer dizer "sexo grátis", pelo menos remete a "sexo livre". Riquezas da língua portuguesa, que os de língua inglesa não têm.

Na verdade, o livro não fala de prostitutas. O subtítulo seria mais honesto; "Algumas histórias censuradas" (na Bíblia, lógico). Mas a palavra "prostituta" entra aí com o poder magnético de certas palavras. O título em inglês, embora também apelando este magnetismo verbal, é mais compreensível. "*The harlot by the side of the road*"(literalmente "A prostituta na beira da estrada"), com o subtítulo: *"Forbbiden tales of the Biblie"*("Contos proibidos da Bíblia") O primeiro título remete apenas a uma narrativa contida no livro, a de Tamar e Judá[4],

Em suma, o livro não trata de prostitutas, mas de narrativas bíblicas, as quais apenas os leitores muito atentos do Livro Sagrado têm acesso. São casos de adultério, estupro, assédio sexual e moral, misoginia, crueldade, não condizentes com o discurso de amor ao próximo, caridade e compaixão. Jamais aquele fiel frequentador dos templos terá conhecimento destes casos, em cujas sessões, os textos são escolhidos para ressaltarem os propósitos da igreja, quaisquer que sejam

Na religião católica, que eu mais conheço, a liturgia da palavra consiste quase que na totalidade de três leituras, uma de um profeta, do Velho Testamento, uma de uma das epístolas São Paulo, cheias de "isto pode", "isto não pode", e um trecho do Evangelho. Nada sobre as filhas de Lot, que assediaram sexualmente o

[3] KIRSCH, JONATHAN. "*The Harlot by the side of the road. Forbidden Tales of the Bible*." Nova York, Ballantine Books, 1997. Em português *"As prostitutas na Bíblia. Algumas histórias censuradas"*. Rio de Janeiro: Record-Rosa dos Ventos, 1998

[4] Gênese 38.

próprio pai, nada sobre a cruel rejeição de Abraão a Agar, quase condenando-a e a seu filho à morte, não fosse a intervenção direta de Deus, em pessoa. Nada sobre o comportamento despudorado e obsceno de Davi e seus filhos, nada sobre o desvirtuamento proposital da figura de Maria Madalena, fazendo-a prostituta, e aí por diante. Basicamente o conteúdo do livro de que falei são estas histórias da Bíblia de que é melhor não falar, para não ter que explicar.

Ao ler, pensei: "Isto acontece hoje", E acontece com mais frequência do que podemos imaginar. Tive então a ideia deste livro: "Mulheres da Bíblia". Histórias atuais, acontecidas em uma sociedade moderna, vista sob os códigos morais atuais, laicos, inseridos em uma cultura dos dias de hoje, submetidos às leis e práticas contemporâneas, tendo como roteiro ou inspiração, uma narrativa bíblica.

Uma coisa que me perturba é como as mulheres são maltratadas na Bíblia. Não somente as mulheres, diga-se. Os homens também, é claro. A leitura da bíblia nos leva a um mundo muito sanguinário e violento, em nada diferente do que vemos hoje. Mas no aspecto moral, as mulheres parecem sempre mais culpadas que os homens. Este é o conteúdo da célebre passagem da mulher adúltera[5], que Jesus tenta ressignificar. Mas é meia página entre mil e quinhentas.

Eu não estava inventando a roda. Muitos escritores célebres já se inspiraram na Bíblia para compor suas narrativas. O nosso Machado de Assis, o Nobel John Steinbeck, José Saramago, Níkos Kazantzákis, entre outros. Mas, por que não? Sem ambições maiores do que as que posso sustentar.

Acontece que eu não era o escritor da casa. Era a Joana. Eu dei então a ideia. Por algum tempo consegui convencê-la, e saiu o conto "Judite", por ela denominado "O caso Judite". Esta foi a única alteração que fiz no seu texto, para se conformar ao restante

[5] Joao, 8: 1-11.

do conteúdo. De resto está como ela escreveu. Mas ficou por aí. Ela se ocupou de outros projetos e "As mulheres da Bíblia" tiveram que esperar.

Eu escrevia muito na época, mas sempre sobre arquitetura, meus livros de arquitetura[6], minha dissertação de mestrado, minha tese de doutorado, 130 artigos do meu blog, "Coisas da Arquitetura"[7], artigos para periódicos. Só recentemente ingressei no mundo da escrita ficcional, e decidi dar andamento ao antigo projeto. Daí resultaram as outras histórias que compõem este livro.

Não foi meu intento entrar na discussão das interpretações da Bíblia, das justificativas, das exegeses, que cada religião tem a sua. Não sou, na verdade um leitor obstinado da Bíblia, nem tampouco tenho um interesse religioso neste livro. Minha intenção aqui é construir e contar histórias. Este não é um livro religioso ou sobre religião.

A esse respeito quero dizer que tenho a minha religião. Acredito no sobrenatural, busco a fé e sou uma pessoa de oração. Convivi com muitos padres católicos, alguns muito dignos e sábios, outros, grandes idiotas. De um dos primeiros, ouvi uma frase inesquecível: "Deus me deu o dom da fé, mas também me deu a inteligência. Não posso então concordar com a falsificação que está por aí na Igreja"

Toda a minha vivência no catolicismo me causou grandes decepções, transformando a minha busca espiritual em uma empresa isolada, sem religião. Mas não posso negar a influência dessas atividades, que também alimentaram o meu pensamento crítico.

---

[6] COLIN, SILVIO. "*Uma introdução à arquitetura*", "*Repensar a arquitetura*", "*Processos subjetivos de criação em arquitetura*", "*Fundamentos de arquitetura*"

[7] Cf. coisasdaarquitetura.wordpress.com

Sobre as narrativas, a escolha dos personagens foi quase natural. Fala das minhas principais perplexidades diante das histórias bíblicas, mas sobretudo de suas leituras pueris que são divulgadas pelas religiões cristãs.

Não é sem certa apreensão que apresento este trabalho. Em nenhum deles falta uma vivência pessoal. Todos os personagens foram baseados em pessoas conhecidas por mim. Todos os eventos têm algo de minha presença, e procurei ser fiel à minha inspiração. Foi uma opção.

Sobre o conto da Joana, nada posso falar do seu processo criativo, a não ser do que testemunhei: uma intensa pesquisa, como era seu hábito, uma grande preocupação literária, e uma grande inventividade.

Os textos bíblicos que serviram de inspiração às narrativas, para poupar trabalho dos leitores mais curiosos, estão na parte final deste livro, no anexo "Referências"

Enfim, aí estão algumas mulheres da Bíblia. Espero que gostem.

Silvio Colin
05 de outubro de 2023.

SUSANA

"O que significa isso? Estais loucos?
Eis que condenais uma pessoa sem interrogatório,
sem conhecer a verdade! [8]

Tinha que ser justo hoje o fechamento do mês. Era para ser amanhã. Mas o seu Enzo tinha que viajar para São Paulo. Resultado: iria atrasar para o encontro com Joaquim. Andava apressada, e de salto alto. Não estava acostumada. Passou batom também. Mas já sabia que ia encontrar o namorado de mau humor. Ele não gostava de esperar. Pernas se agitando. Tirando e recolocando os óculos escuros e soprando uma poeira que já não estava lá há muito tempo. Segurando os pulsos, na frente e atrás. A fila que iam pegar para comprar as entradas era o problema. Mas ele não podia já ter comprado?

Além do mais era um filme de bangue-bangue. Ela detestava, mas o Quim adorava. "*Um certo capitão Lockhart*"[9]. Nada a ver. Tiraram do romance do Érico Veríssimo. A professora Alice tinha falado desses títulos que dão para os filmes aqui no Brasil.

Esses filmes eram todos a mesma coisa. Um mocinho misterioso e solitário que chega numa cidadezinha. Encontra uma mo-

---

[8] Daniel III. 13. 47

[9] *The man from Laramie*, filme de 1955, de Antony Mann. "*Um certo capitão Rodrigo*" é um capítulo do livro "*O Continente*" (1949), primeiro da trilogia "*O tempo e o Vento*", de Érico Veríssimo" (1905-75) O texto fez tanto sucesso que foi publicado separadamente, em 1970, pela editora Globo.

cinha, e um chefão inimigo. Mata um monte de índios, mata o bandido, e vai embora ou casa com a mocinha. Mas o que fazer? Tinha que acompanhá-lo. Iam ficar noivos. Ele era bonito.

Quando o viu do outro lado da calçada, se surpreendeu. Não estava apenas tenso. Estava rígido como um pau, mãos abrindo e fechando em posição de soco, e uma cara de guerra. Ficou apreensiva. Atravessou a rua, aproximou-se, segurou-o ternamente nos braços e ofereceu o rosto para um beijo. Recebeu um tapa tão forte que a fez cambalear, bater em um carro que estava estacionado e rolar para a sarjeta.



Olhou-o terrificada, com lágrimas nos olhos esbugalhados, sem saber o que estava acontecendo. Joaquim pegou-a com força

pelo antebraço, levantou-a e caminhou com uma rapidez que ela não conseguia acompanhar, corria, tropeçava, era arrastada. Perdeu um sapato e deixou cair a bolsa. Não conseguia falar nada. Andaram assim uns cem metros e entraram no Bar do Zinho, ele continuando a arrastá-la, ante a surpresa dos outros clientes, atravessou o grande salão, entrou no banheiro dos homens e parou diante do mictório. Segurou-a pelos cabelos e apontou a parede de azulejos brancos, trincados e amarelados. No meio de desenhos pornográficos, desenhados com marcador, estava escrito:

"A caixa das Casas Pernambucanas dá o cu"

Susana, cada vez mais surpresa e envergonhada, olhava para Joaquim, para a parede, chorava, tentava falar, mas não conseguia. Novamente ele a pegou pelo braço e fez o caminho de volta pelo salão, e quando chegaram à rua, empurrou-a contra a parede e ela caiu sentada. Ele afastou-se furioso, a passos rápidos.

Estava em estado de choque. Não conseguia mover-se e respirava com dificuldade. Uma senhora abaixou-se para ajudá-la. Trouxeram uma cadeira e dois homens a levantaram a puseram sentada. O garçom da confeitaria ao lado trouxe-lhe um copo de água que ela recusou com um gesto brusco, batendo na mão do rapaz e derrubando o copo. Ficou assim não sabe quando tempo.

Graça, sua amiga, passando por ali, a viu.

– Susana, o que aconteceu?

Susana continuava parada, olhando para o nada. Não respondeu. Graça pegou nos seus braços.

– Você está tremendo! Vamos para casa.

Arranjaram uma cadeira para a amiga. Deu lhe mão e ficou a seu lado em silêncio. Viu que estava sem um sapato e a bolsa e foi procurá-los. Voltou com os objetos. Calçou-a e ficou com a bolsa no colo, sentada, mãos dadas.

Meia hora.

– Vamos para casa!

Susana levantou-se com o corpo dolorido e aprumou-se com dificuldade. Começou a caminhar lentamente e dispensou o auxílio de Graça, que caminhava a seu lado. Foram assim caminhando para a casa de Susana. Uma boa caminhada. Quase meia-hora. Quando chegaram, Dona Noêmia desceu a escada da varanda, apressada.

– Susana, o que aconteceu? Onde está o Quim?

Graça contou que a encontrou sentada numa cadeira na calçada, e ficou com ela, depois a trouxe para casa. Tinha que ir. Estava atrasada para a reunião do grupo de jovens.

Susana entrou sem dizer palavra. Subiu para o seu quarto e deitou. Parecia desmaiada, não fosse pelos olhos abertos fixos no teto. A mãe insistiu em saber o que houve. Depois de alguns minutos, falou com voz fraca.

– Mamãe, me deixa sozinha. Depois eu falo.

A mãe ainda ficou alguns minutos e saiu. Ligou para o Quim, e não conseguiu falar. Ele não tinha chegado, disse o pai.

Dona Noêmia não sabia o que fazer. De dez em dez minutos ia até o quarto de Susana. Ela na mesma posição.

– Susana, eu vou chamar o Dr. Emílio.

– Não!

– Eu não vou ficar com você assim, sem saber o que houve.

Susana viu que precisava acalmar a mãe para ter paz. Sentou-se na cama, chamou a mãe para sentar-se ao lado. Pegou-lhe a mão. Olhou-a nos olhos.

– Mãe. Eu briguei com o Quim. Não quero falar agora. Eu estou bem. Amanhã lhe conto tudo. Não fale com ele ou com ninguém. Agora, só me deixa sozinha. Por favor.

Não foi o suficiente para tranquilizar a mãe. Ficou com o coração apertado o resto do dia. Susana não quis jantar. Dona Noêmia ouviu a novela e preparou uma canja e a levou para a filha. Tomou duas colheres.

– Deixe aí que que depois eu tomo.

– Vai esfriar.

– Não faz mal. Não tenho fome. Quero só descansar.

Não era descanso o que ela queria. Não lhe era possível descansar. Na sua mente desfilavam as cenas horríveis. O tapa, a parede do banheiro. Nem tentou dormir. Não se trocou, quase não se mexeu durante a noite toda. Ficou parada. Olhando para o teto. Já não conseguia mais chorar.

Moravam em uma pequena casa com varanda, pequena sala, o atelier de costura de Dona Noêmia e a cozinha. No andar superior, os dois quartos. O de Susana e o de Dona Noêmia, que dividira como o marido Augusto até a morte deste, cinco anos atrás. Viviam modestamente, mas a pensão do marido, suas costuras, mais o salário de Susana, garantiam o sustento.

A mãe, angustiada, sem saber o que fazer, tentou dormir, mas de hora em hora ia ao quarto de Susana, e o que via a preocupava mais: a filha na mesma posição. Fechava os olhos para disfarçar, quando percebia a presença da mãe.

Susana não teve sequer uma hora de sono. As imagens se sucediam: o tapa, ela sendo arrastada pela rua na frente de todos, a frase no banheiro, ela sentada na rua como uma não sei o quê. Os sentimentos se sucediam: ódio, vergonha, repulsa, náusea. De vez em quando, uma pergunta: O que fazer? O coração batia forte, ela respirava, o coração batia fraco. Outra pergunta: O que fazer amanhã? Pensou em se matar. Não! Pensou em matar Joaquim. Uma facada no peito dele. Ela iria para a cadeia. Não! Aos poucos uma

ideia foi se fixando na sua cabeça. Amanhã não iria trabalhar. Precisava de tempo para pensar o que fazer. O amanhecer a encontrou determinada.

Seis e meia.

– Susana. Está na hora. – Falou a mãe, batendo na porta e abrindo o suficiente para vê-la deitada na mesma posição que horas atrás.

– Eu não vou.

– Susana, eu não aguento mais. O que está acontecendo?

– Eu vou falar com a senhora. Vou descer daqui a pouco. Liga para o Sr. Enzo e diz que eu estou doente.

– Como doente? O que eu digo?

– Sei lá. Invente alguma coisa.

Demorou a levantar-se. Tomou banho, vestiu-se. Teria que dizer alguma coisa para a mãe. Decidiu que não sairia hoje de casa. Que não veria ninguém. Uma tormenta abateu-se em sua vida. Dali para frente não seria a mesma. Sabia disso. Sua pureza, sua doçura, seu acatamento, seus ilusórios planos de felicidade, não mais os tinha. Não fora uma atitude sua a causa. Mas uma frase, uma intriga. Pública. Maldosa. Vingativa. E a arrogância, a prepotência, a vaidade dos homens. Contra isso sentia-se impotente. Queria sumir. Sim. Sumir. Iria sumir.

Desceu e foi tomar café com a mãe.

– Mamãe. Aconteceu uma coisa muito grave.

A mãe assustou-se.

– Eu vou lhe contar tudo, mas eu quero que me prometa que o que você ouvir, não falará para mais ninguém. Eu posso confiar na senhora?

– Claro que pode!

– Para ninguém!

Era difícil para uma faladeira como dona Noêmia, com tantas clientes com quem trocava confidencias, guardar um segredo. Mas um pedido solene da filha, ela determinou-se a acatar. Falou:

– Para ninguém. Juro!

A filha contou-lhe com os detalhes que se lembrava, o que aconteceu. A mãe escandalizava-se a cada frase. Mas ela não poupou a mãe de nenhum detalhe sórdido.

– Isto não pode ficar assim. Você tem que ir à polícia. Fazer queixa desse canalha do Joaquim. Eu vou falar com os pais dele.

– Mamãe, a senhora não vai fazer nada. Tudo que a senhora fizer vai se voltar contra mim. Me humilhar ainda mais. Muitos vão duvidar. Eu ficarei falada. Não podemos fazer nada.

A mãe concordou, revoltada, odiando todo o mundo.

– Eu vou ficar em casa hoje. Não quero ver ninguém. Se alguém me procurar, não estou. Estou doente. O que for. Fique tranquila. Eu estou tranquila. Pense que o que a senhora estiver sentindo, eu estou sentindo pior. Eu quero chegar até o final do dia em paz. Faça o mesmo. Faça as suas coisas, o seu trabalho, e não se preocupe demais comigo. Tudo vai ficar bem.

– Está bem.

A determinação de Susana a abrandou.

O dia transcorreu como poderia transcorrer. Ambas com o coração apertado de angústia. Dona Noêmia fez as suas tarefas, recebeu suas clientes. Susana não apareceu, recolhida no seu quarto. Somente desceu para almoçar com a mãe. À noite fez a janta. Ainda à mesa, Susana pegou a mão da mãe e lhe disse.

– Mãe. Eu não vou voltar para o trabalho. Amanhã eu vou na tia Nadir. Se ela concordar, vou morar com ela.

– Mas eu não posso sair daqui. Eu tenho minhas clientes. A pensão de seu pai não dá. E você vai sair do emprego?

– E arranjo outro lá. Eu não posso voltar. Você não sabe a vergonha que eu sinto. Eu tenho umas economias e vou deixar com a senhora.

– Nós temos que fazer alguma coisa. Temos que ir à polícia.

– Eu não vou me expor assim. Você não sabe o que é isso. A senhora fica aqui. Eu lhe telefono todos os dias. Pode ir me visitar.

Dona Noêmia pensou no que seria de seus dias sem ver a filha. Chorou. Mas não via outra solução. Teve que concordar.

Tia Nadir morava em Pouso Amarante, uma cidade menor que São Diniz, a oitenta quilômetros dali. Tinha três ônibus pela manhã e quatro à noite ligando as cidades. Às seis e meia da manhã, Susana estava no ônibus. Foi sozinha para a estação. Pediu para a mãe ficar em casa.

Tia Nadir era muito parecida com a irmã. Mais forte e despachada. Gostava de rir e contar anedotas. Fazia um macarrão caseiro que ninguém fazia igual. Bolos, docinhos e salgadinhos para festa. Sorvete de caramelo. Susana não contou a verdadeira história. Disse que queria se esconder de um ex-namorado que não estava lhe dando sossego. Tia Nadir não somente concordou como ficou feliz da vida. Ter a sobrinha com ela por uns tempos. Que mais queria da vida?

Dia seguinte, sábado, Susana e Dona Noêmia pegavam novamente o ônibus das seis e meia da manhã para fazer a mudança. Passaram um fim de semana divertido, muitos se seguiriam, porém, as semanas de Dona Noêmia eram tristes e chorosas. Susana fora fazer um curso em São Paulo e ela estava muito infeliz com a sua ausência, dizia para as clientes. Sobre as viagens de fim de semana, desconversava, jamais citando o nome da irmã, que muitos até desconheciam a existência.